



O corpo face à subjetividade e vontade: um enfoque a partir da circunstancialidade de Ortega y Gasset



*Valmir Flores Pinto**

Resumo

A filosofia de José Ortega y Gasset está situada no contexto do final do século XIX até os anos 30 do século XX. A compreensão de circunstância é fundamental para entendermos o enfoque de compreensão do EU orteguiano. Salvar as circunstâncias é salvar a si mesmo. O sujeito sem consciência disso é visto como massa. Assim, no raciovitalismo (razão vital) encontra-se a compreensão do corpo e suas relações com a subjetividade e a vontade.

Palavras-chave: Corpo. Circunstância. Subjetividade.

Abstract

José Ortega y Gasset's philosophy is placed within the context of the end of the XIX century up to years 30 in the XX century. The understanding of circumstance is fundamental for us to understand the focus of understanding the Ortegan SELF. To save the circumstances is to save oneself. The subject without the conscience of that is seen as a mass. This way, the understanding of the body and its relationships with subjectivity and the will are to be found in the ratiovitalism (vital reason).

Keywords: Body. Circumstance. Subjectivity.

* Doutorando em Ciências Sociais na Universidade de Aveiro, Portugal (2009) Prof. Filosofia Universidade Federal do Amazonas. IAA – Instituto de Agricultura e Ambiente – Humaitá, AM. valmirfp@ufam.edu.br 097 91549722.



Introdução

Pretendemos, com o presente estudo, desenvolver uma reflexão a partir da filosofia perspectivista de José Ortega y Gasset¹ tendo como referencial a *circunstância*. Buscaremos focar o estudo a partir do *corpo* com ênfase à consideração subjetiva e relacional. Observar com atenção os fatores que caracterizam uma relação entre pessoas – e por extensão os seus corpos – é saber respeitar cada indivíduo com suas características peculiares. Estas, no entanto, trazem em sua formação o momento circunstancial, pois o eu e o mundo coexistem.

Corpo Humano: leitura filosófica

A reflexão filosófica sobre o corpo humano está presente em quase toda a história do pensamento. Achemo-la em Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Tomás de Aquino, Descartes, Spinoza, Leibnitz, Schopenhauer, Nietzsche, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, Marçal e, claro, Ortega y Gasset e muitos outros. Nem todos têm a mesma referência para tratar do corpo, pois veem-no em relação com a alma, com a existência e as contingências. Nosso estudo não seguirá o procedimento tradicional, que na maioria segue referência à alma, mas procuraremos olhar a dimensão corpórea com aquela atitude de curiosidade e maravilha que é própria do filósofo.

A filosofia está hoje em condições de desenvolver um discurso mais rico e mais completo a respeito da dimensão corpórea do ser humano do que no passado. Não pode dar uma resposta completa, assim como nenhuma ciência. Frequentemente, tomamos uma parte pelo todo, como o caso do corpo. Há que superar pelo menos dois estados de espírito que são inimigos de uma autêntica investigação sobre essa temática: o estado materialista e o espiritualista. O primeiro recusa-se a reconhecer a dimensão corpórea como sendo também o problema subjetivo. O segundo, o estado espiritualista, incide demais e facilmente à exigência de elementos metafísicos. O mais comum, hoje, é o do materialista, com o progresso das ciências, os regimes políticos, os sistemas filosóficos, todos contribuíram para criar essa mentalidade. O cientificismo acaba se tornando um grave obstáculo para o estudo e compreensão do corpo. Segundo tal pressuposto, a única forma válida de conhecer o corpo humano é a científica, porque somente a ciência dispõe de método infalível: o da verificação experimental.



Na leitura filosófica do corpo, optamos por uma análise fenomenológica, e devemos libertar-nos de todos os pressupostos definitivos, inclusive o da verificação experimental. Partir de um único pressuposto significa fechar os olhos e recusar ver e reconhecer a verdadeira natureza do ser humano. Por isso devemos partir de nossa condição de *epoché*, prescrita por Edmund Husserl, isto é, por entre parênteses tudo o que já sabemos e estudar o fenômeno novamente. No começo devemos estar abertos para qualquer solução, pois “filosofar é desprender-se conscientemente das crenças vitais” (ORTEGA y GASSET, 1971a, p. 112). A contribuição de José Ortega y Gasset a respeito dessa questão está descrita na circunstância; não basta estar diante de, é preciso perceber-se e perceber onde se está.

Todo ver é um olhar ou buscar com os olhos – todo ouvir, um escutar ou atender com os ouvidos. Digo, pois, que a natureza, que o mundo exterior solicita a atenção do homem com terrível urgência. Sobretudo nas idades primitivas da humanidade a existência humana é uma guerra sem descanso, com a natureza, com as coisas, e o indivíduo não pode entregar-se a outra atividade senão resolvendo sua vida material. Isto significa que o homem atende apenas à periferia de seu ser, ao visível e tangível. Vive sem dar-se conta senão de seu contorno cósmico. O ‘eu’ está ali onde atende, no seu corpo, o resto não existe para ele. O corpo é a fronteira do ser do homem, assomado para fora, absorto na natureza, isto é, atento ao exterior (ORTEGA y GASSET, 1971a, p. 127).

Conforme Ortega y Gasset o homem antigo conserva, no essencial, a tessitura do homem primitivo. Como ele vive das coisas e só existe para ele o Cosmos dos corpos, as ideias gregas estão modeladas na realidade composta de coisas exteriores e corpóreas. A própria palavra ‘ideia’ e seus fins significam ‘figura visível’. Assim, o animal consiste numa matéria organizada e movida por uma coisa que há dentro, oculta na matéria: é a alma. Mas esta alma é interior no sentido de que está oculta no corpo, submersa nele e, portanto, invisível. É um sopro, um ar leve – *psyché*, *spiritus* – ou então uma unidade como em Tales, ou um fogo como em Heráclito. Mesmo que na modernidade conserve-se a palavra ‘espírito’ para designar sua descoberta da intimidade, convém levar em conta que o grego e o latino entendiam por ela uma realidade não menos externa que os corpos, vinculada aos corpos.



Aristóteles, na opinião de pensador madrilenho, coloca a ciência da alma, a psicologia, na biologia. A psicologia de Aristóteles fala da planta ao lado do homem porque sua alma não é princípio de intimidade, mas princípio cósmico da vitalidade corporal (ORTEGA y GASSET, 1971a, p. 129).

1 A subjetividade e o corpo em Ortega y Gasset

É incrível como a mudança de época, da idade antiga, passando pela medieval, para a moderna, as possibilidades de descoberta fortalecem o ser do homem. O homem moderno, no dizer de Ortega, se meteu em si, voltou a si, despertou de sua inconsciência cósmica; ainda não vê bem o que é, mas “a aperta, e ao apertá-la nota que é a ele quem machuca, que é ele ao mesmo tempo o aperto e o apertado, que topou consigo mesmo. ‘Machuco-me, existo’. *Cogito, sum*. Diabólica aventura? Diabólica? Não será antes divina?” (ORTEGA y GASSET, 1971a, p. 130).

A subjetividade descrita pelo madrilenho está relacionada ao cristianismo. O ceticismo ensina o homem a não acreditar na realidade do mundo exterior e, conseqüentemente, a desinteressar-se dele. O Deus cristão é transcendente. O cristianismo propõe ao homem que entre em contato com tal ser. Como isso é possível? Em tempos passados havia uma forte tendência em negar a realidade do mundo, dos demais seres, do Estado, da sociedade, e do seu próprio corpo. Quando suprimia tudo isso, a alma estaria sozinha com Deus (ORTEGA y GASSET, 1971a, p. 134). Assim a compreensão de subjetividade está totalmente desvinculada do corpo. Vê-se que o Deus cristão é transcendente ao mundo, mas imanente ao fundo da alma, no entanto, como aceitar a sua encarnação? Por que se tornaria corpo, plenamente?

Segundo Ortega y Gasset, o idealismo de certa forma possibilitou que o homem da modernidade entrasse em choque e buscasse outras leituras de seu entorno. “O Eu é intimidade, é o que está dentro de si, é para si. Contudo, é preciso que, sem perder essa intimidade, o eu encontre um mundo diverso dele e que saia, fora de si, para esse mundo” (ORTEGA y GASSET, 1971a, p. 140). O corpo, e suas relações, é o começo da superação do idealismo, do eu que se lamenta de viver recluso. Assim, eu e o mundo não somos duas realidades totalmente diferentes. O mundo exterior não existe sem “meu” pensá-lo, mas o mundo exterior não é meu pensamento, eu não sou teatro nem mundo, somos o mundo e eu. Sem objetos não há sujeitos. O



erro do idealismo foi converter-se em subjetivismo. Sendo corpo, o mundo exterior, o Cosmos, é-me imediato e íntimo, mas ele não é eu e neste sentido é-me alheio estranho.

O dado fundamental, para nosso autor, na relação da subjetividade e corpo é a coexistência com o mundo. Enquanto subjetividade e pensamento, me encontro como parte de um fato dual cuja outra parte é o mundo. Assim, o mais importante não é o ‘*eu existo*’ mas a coexistência.

1.2 O corpo, a circunstância e a vontade

A relação do eu com a circunstância foi formulada por Ortega y Gasset nas *Meditaciones del Quijote*, obra escrita em 1914, e retomada na Lição IX do livro *Que é filosofia?*. Ressalta que o fato mais primordial e universal é a “minha vida”, é visível e plenamente expressa no corpo.

Minha vida é dada, e minha vida é diante de tudo um achar-se eu no mundo; e não assim vagamente, mas neste mundo... fazendo o que estou fazendo nele, neste pedaço teatral de meu mundo vital – estou filosofando. Acabaram-se as abstrações. Ao buscar o fato indubitável não me encontro com a coisa genérica pensamento, mas com isto: eu que penso no fato fundamental, eu que agora filosofo. Eis aqui como a filosofia, a primeira coisa que encontro é o fato de alguém que filosofa, que quer pensar o universo e para isso busca alguma coisa indubitável. Notem bem, não uma teoria filosófica, mas ao filósofo – corporalmente – filosofando, isto é, vivendo agora a atividade de filosofar como poderá, momentos depois, encontrá-lo vagando melancólico pela rua (ORTEGA y GASSET, 1971a, p. 155).

Viver é o modo de ser fundamental. Assim a compreensão de corpo ganha mais que um aspecto orgânico, mas uma vontade explícita. A leitura filosófica orteguiana expõe nosso corpo como o lugar de onde a vida é segredo. A filosofia vai por trás de si mesma, vê-se como forma de vida que é o que é concretamente e em verdade: é meditação de nossa vida. “Para os antigos, realidade, ser, significava ‘coisa’; para os modernos, ser significava ‘intimidade, subjetividade vontade’; para nós, ser significa,



nosso corpo, viver – portanto – intimidade consigo e com as coisas” (ORTEGA y GASSET, 1971a, p. 158).

Assim, o modo de dependência entre o pensar e seus objetos não pode ser como pretendia o idealismo, em tê-los em mim, como ingredientes meus, mas ao contrário, em achá-los fora de mim, diante de mim. O meu corpo está em relação com outros corpos e objetos. “Se existo eu que penso, existe o mundo que penso. Portanto: a verdade fundamental é a coexistência de mim com o mundo. Existir é primordialmente coexistir” (ORTEGA y GASSET. 1971a, p. 159). Somos corpos e por isso não somos ser substancial, pois este é suficiente. Mas o único ser indubitável que achamos é a interdependência do eu e das coisas. Ser é necessitar um do outro, é também mundo, portanto, universo de corpos cheio de vontades.

No entanto, no conjunto do ‘eu e minhas circunstâncias’, o próprio corpo não é senão um pormenor do mundo que encontro em mim. Mas o autor madrilenho afirma que é um “pormenor que, por muitos motivos, é-me de excepcional importância, mas que não lhe tira o caráter de ser tão apenas um ingrediente entre inumeráveis que acho no mundo diante de mim” (ORTEGA y GASSET. 1971a, p. 163-164). Isto é, o corpo está como que “subordinado” a outra realidade maior. Tudo quanto me diz respeito sobre meu organismo corporal e psíquico se refere às particularidades secundárias que supõem o fato de que eu viva e, ao viver encontre, veja, analise, investigue as coisas-corpos.

A vida é, assim, o que somos e o que fazemos. São os atos e acontecimentos que nos vão, no dizer de Ortega y Gasset, mobiliando. Mas viver não seria isso se não nos dessemos conta disso. É, acima de tudo, uma revelação, um não contentar-se com ser, mas compreender ou ver que se é, um inteirar-se. Para Ortega, está clara a relação corporal, o viver intensamente, entendido como a vida é saber-se: primeiro é viver e depois filosofar, pois todo viver é conviver com uma vontade circunstancial. Ortega, no entanto, não é irredutível, mas parte dessa realidade fundamental e, num sistema da filosofia, alerta para outras compreensões da vida e conseqüentemente do corpo.

Sem contradizer em nada nosso conceito de viver, temos que mostrar que há também corpos orgânicos e leis físicas e moral e inclusive teologia. Pois não está dito, inclusive, que além desta indubitável ‘vida nossa’ – que nos é dada – não exista, talvez, a ‘outra vida’. O certo é que essa ‘outra vida’



é, em ciência, problemática – como o é a realidade orgânica à realidade física – e que, ao contrário, esta ‘nossa vida’, a de cada qual, não é problemática, mas indubitável (ORTEGA y GASSET. 1971a, p. 167).

1.3 Funções do corpo na circunstância

Não é raro encontrarmos a incidência da somaticidade (*somaticus*) na percepção das coisas; basta uma olhada num dicionário de qualquer língua e leiamos os verbetes dedicados aos termos principais de nossa anatomia. Descobriremos que esses termos são transferidos à denominação das coisas. Fala-se do ‘pé’ da mesa, da ‘cabeça’ do prego, do ‘coração’ da alcachofra, para citar alguns exemplos.

Queremos ressaltar três funções essenciais no universo de compreensão filosófica do corpo, em consonância com a filosofia de Ortega y Gasset. As funções mundanizante, epistemológica e econômica ou de posse.

A função mundanizante trata de fazer do homem um ser-no-mundo, isto é, a circunstância mundo. É por obra do corpo que fazemos parte do mundo; ele se reconhece constituído dos mesmos elementos do mundo. É uma postura que designa determinada posição no espaço e condiciona a ter relações apenas com as realidades que lhe estão especialmente próximas. Apenas estas entram junto com nosso corpo. O meu corpo é o ponto de referência.

Na dimensão ou função epistemológica o corpo é um instrumento necessário do conhecer, e isto sempre foi admitido. Mas os estudos recentes mostram que a contribuição da somaticidade ao conhecimento é muito mais vasta e importante do que no pensamento clássico. Devido a sua objetividade e sua subjetividade, inseparáveis, meu corpo é mediador entre o meu ‘eu’ e o mundo das coisas, lugar de encontro entre minha consciência e o universo dos objetos.

Também o corpo é antes de tudo indispensável para possuir existência. Com o exercício da função econômica ou de posse, nós temos a impressão que ocorre uma dilatação do nosso corpo, da nossa dimensão somática. Por esse motivo consideramos as coisas, as posses, como possíveis prolongamentos de nosso corpo. Na leitura de Ortega y Gasset, trata-se do mundo circundante. Os órgãos específicos da função econômica como também da mundanizante são as mãos e a cabeça (cérebro), ou mais especificamente o raciocínio. De fato, com eles, ao mesmo tempo manipulamos e incorporamos as coisas.²





2 O corpo e as relações humanas na interface da vontade

Diante do crescimento demográfico, mobilidade espacial de indivíduos e de grupos, multiplicidade de aspectos da vida moderna, número elevado de instituições e de grupos aos quais pertencemos, contatos rápidos e superficiais que necessitamos manter com diferentes pessoas de classes sociais, além de outros fatores, vieram alertar os educadores, administradores, psicólogos e outros profissionais da importância do estudo das relações humanas.

Diante do contexto filosófico de compreensão das relações humanas a partir da compreensão de Ortega y Gasset da circunstância e da vontade, não há outro elemento de maior referência que o *corpo*. O ser humano sempre teve consciência das suas características individuais, das suas necessidades diferenciadas.

Para uma compreensão do corpo nas relações humanas, precisamos nos ater a um contexto mais amplo e perceberemos que as nossas relações começam quando ainda estamos no útero de nossas mães. O primeiro contato, a primeira sensação de segurança, vem deste íntimo uterino, quando estamos sendo gerados. É na relação do corpo que gera e do corpo que está se formando, sendo gerado, que ocorre o armazenamento de informações involuntárias (medos, angústias, afetividade, coragem, segurança etc.).

As organizações no mundo atual exigem que as pessoas integrem-se para uma evolução social e profissional. Se não há integração de indivíduos, principalmente na comunicação, não haverá inter-relações, e o corpo pode ser apenas um instrumento de exploração. Os relacionamentos podem existir por vários motivos. Podemos nos relacionar com as pessoas profissionalmente ou simplesmente porque tivemos empatia por elas. O elo que surge a partir da vontade ganha as mais diversas formas e expressões, seja na fala ou no gesto. Há ainda a expressão social e política da vontade num conjunto de corpos: as relações internacionais, nacionais, regionais e locais. Ou seja, os espaços, geograficamente falando, não são mais barreiras para as manifestações da vontade a partir do corpo.

2.1 O Corpo fala

O escritor Pierre Weil fala muito bem sobre este assunto, no seu livro *O Corpo Fala*³. O corpo expressa as nossas ansiedades, desejos e conquistas de forma natural



mesmo que nossas palavras digam o contrário. O corpo fala mesmo sem palavras. Muitas vezes a comunicação deixa de efetivar-se por barreiras, obstáculos, que restringem a sua eficácia, os quais podem estar ligados ao emissor, ao receptor, ou a ambos, ou ainda a interferências presentes no canal de comunicação.

O corpo na perspectiva da circunstância orteguiana pode expressar barreiras, como limitações de ordem emocional, tais como, a incapacidade dos interlocutores para abordar determinados temas considerados por demais ameaçadores, até as dificuldades relacionadas à utilização dos códigos de linguagem. Todos estes fatores representam maior ou menor grau de obstáculos a uma comunicação plena. Mas é exatamente esta a circunstância: somos este momento com obstáculos e soluções. Estas são frutos da compreensão subjetiva e da vontade.

Três elementos importantes para um bom relacionamento a partir do corpo nas circunstâncias são: percepção das coisas que nos rodeiam, e para isso precisamos, antes de tudo, de ter sensibilidade; interpretação, por parte do receptor, da realidade observada; e adesão, nesta começamos um relacionamento ou aceitação de uma ideia, quando buscamos características que nos atraem no outro. É a máxima expressão da subjetividade que tem início num ato voluntário da vontade.

Conclusão

Que é o homem? Talvez ainda seja perturbador para algumas pessoas a busca de respostas para esta questão colocada por muitos. Na filosofia grega antiga, Platão (427-347 a.C.) desenvolve uma discussão intensa sobre o que constitui verdadeiramente o homem: a alma e o corpo. Para Platão, deve-se libertar a alma do corpo. Este é visto como prisão. Ao contrário, para Aristóteles (384-322 a.C.), o homem é constituído essencialmente de alma e corpo, como todos os outros seres deste mundo. No homem, a alma desempenha o papel de forma e, justamente por isso, não obstante a evidente superioridade com relação ao corpo, não parece em condições de escapar da corrupção e, portanto, da morte. Plotino (205-270) retoma a concepção de Platão: dicotomia entre alma e corpo. A *Noesis* – ou seja, o conhecimento intelectual – pertence exclusivamente à alma; enquanto todas as outras operações do conhecimento são realizadas pelo corpo informado pela alma (MONDIN, B. 2003).

Todo o período da idade chamada medieval até a modernidade ficou marcado com discussões em torno do corpo e da alma, ora enfocando um, ora dando





ênfase a outro. Com o início da época moderna, a pesquisa antropológica abandona o enquadramento cosmocêntrico e o teocêntrico e se dirige para o antropocêntrico: o homem constitui o ponto de partida de onde se origina e em torno do qual fica polarizada a pesquisa filosófica, e com ela a leitura do corpo humano. Este, mais autônomo, mas inflamado de subjetividade e vontade.

A dimensão corpórea trata-se do *homo somaticus* uma expressão pouca usada hoje. Mas era usada para distingui-la da dimensão espiritual. Existe uma reflexão sobre o corpo humano em quase toda parte da história do pensamento. Mas, além do conhecimento da estrutura somática por meio da experiência ordinária e da pesquisa científica, a filosofia, a antropologia e outras ciências do humano buscam leituras de componentes fundamentais do corpo: o existir, o desejar, o fazer, o ter, a subjetividade e a vontade, etc. Ou seja, o corpo é elemento essencial do ser humano, na afirmação de Ortega y Gasset, é a circunstância determinante do meu ser. É mediante o corpo que o homem é um ser social, um ser no mundo, que desempenha funções como mundanização, individuação, autocompreensão, de posse entre outras. O material ao redor do qual alguém trabalha é também o meio no qual ele se expõe. “Sua existência se desenrola no jogo combinado entre ele e o seu ambiente” (MOLTMANN, 1972).

Notas

1. Filósofo espanhol nasceu em 1883 e faleceu em 1955. Licenciado em filosofia e letras com doutorado na Universidade de Madrid. Após longos anos de exílio, devido ditadura na Espanha, volta em 1948 e funda o Instituto de Humanidades, onde desenvolve intensa atividade de docência.
2. Ver também MERLEAU-PONTY, M. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1945; e MOLTMANN, J. *Uomo*. Bréscia: Queriniana, 1972.
3. WEIL, P; TOMPAKOW, R. *O Corpo fala*. Petrópolis (RJ): 2001.

Referências

AMOEDO, Margarida I. Almeida. *José Ortega y Gasset: a aventura filosófica da razão*. Lisboa: Estudos Gerais, 2002.



CARNAP, R. *Philosophy and logical syntax*. Londres, 1935.

GONZÁLES, Leopoldo Jesus Fernández. *A Gratuidade na ética de Ortega y Gasset*. São Paulo: Annablume, 2001.

MOLTMANN, J. *Uomo*. Queriniana: Bréscia, 1972.

MONDIN, B. *Curso de filosofia*. Tradução de Benôni Lemos. 12. ed. São Paulo: Paulus, 2003. v. 1.

ORTEGA y GASSET, J. *Que é filosofia*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1971a.

_____. *Obras escolhidas*. Tradução de Manuel Cruz. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

_____. *La alternativa pedagógica*. Barcelona: Nova Terra, 1976.

_____. *El hombre y la gente*. Obras completas. Madrid: Alianza, 1993. Tomo 7.

_____. *La Rebelión de las masas*. Obras completas. Madrid: Alianza, 1993. Tomo 1.

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. *O Corpo fala*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000.